

de participação da população que «vai muito além de simples consultas e opiniões, do direito de reclamação, e se situa precisamente no empenhamento e na contribuição para as acções, para a realização dos programas colectivos e colectivamente acordados em compromissos claros e livremente assumidos». (C.L.)

Finalmente realçou-se a necessidade de novas iniciativas deste tipo, porque os T.S.S. apesar de se situarem a jusante do processo de produção das leis/normas não podem dispensar-se de compreender as con(tra)dições e agentes que estão na sua origem, bem como a complexa trama de relações sociais conflituais que se exprimem também nas acções do Estado e nas políticas sociais que determinam aquelas leis.

*Alcina Martins  
Henrique Fernandes*

#### CONGRESSO LUSO GALAICO DE MEDICINA POPULAR

Foi em Vilar de Perdizes, aldeia raiana do concelho de Montalegre, a viver hoje mais dos dinheiros da emigração e do contrabando do que da sua pobre agricultura, que surgiu a ideia de pôr em diálogo as diferentes formas de medicina. Bem longe portanto das sedes habituais de organização dos congressos. O mérito pertence todo à Associação Cultural e ao seu grande animador António Fontes, padre, historiador e etnólogo por vocação, autor entre outros trabalhos da mais completa recolha etnográfica da região barrosã («Etnografia Transmontana», 2 vols., 1974 e 1977). Objectivo expresso: reunir pessoas interessadas na medicina popular para estudar, inventariar, pesquisar e descobrir a ciência e sabedoria populares, e analisá-las, para lhes dar continuidade ou dismistificá-las quando for caso disso.

E muitos foram os interessados que acorreram, a maior parte de bem longe, a Vilar de Perdizes — médicos, psicólogos, farmacêuticos, historiadores, técnicos, universitários ou simplesmente curiosos, e muitos jornalistas. As sessões pretenderam conjugar as visões de diferentes especialidades sobre as práticas de medicina popular com as descrições feitas directamente pelos próprios praticantes da região («cada aldeia tem ainda hoje o seu curandeiro, a quem as pessoas continuam a recorrer apesar da existência de médicos»), ficando para o debate a

tarefa de fazer as ligações, nada fáceis, entre pontos de vista tão distintos e em grande medida contraditórios.

As comunicações especializadas cobriram quatro grandes temáticas: 1. A medicina popular como saber empírico e a medicina científica como conhecimento de rigor (M. Cardoso de Oliveira e H. Sousa Nunes); 2. A medicina popular como realidade de interesse histórico (E. Santos e B. Moreno); 3. Os elementos religioso e psíquico nas práticas de medicina popular (J. Domingos Gomes, P.e Joaquim Vicente, P.e Agostin Gonzalez e Julio Tejada); e 4. A medicina popular como manifestação cultural de valor antropológico (Antonio Fontes e Joaquin Lorenzo). Os curandeiros convidados, pessoas bem conhecidas e prestigiadas na região, relataram as suas «especialidades» (cortar o mal do coxo, curar o farfalho e o engarinho, levantar a espinhela caída, endireitar ossos, etc.), responderam pacientemente e com segurança às inúmeras questões levantadas pela curiosidade ou pelo cepticismo das pessoas e ensaiaram até as suas artes num ou noutro participante que lhes confiou o seu mal.

Resultado dos diferentes interesses e expectativas que os participantes tinham trazido para o encontro, a discussão foi marcada por uma intensa e tensa polémica, recheada de equívocos, que se veio a polarizar em torno da questão medicina popular *versus* medicina científica. De uma forma velada e, de certo modo, paternalista ou de uma forma abertamente condenatória houve quem procurasse exercer a «acção pedagógica» de desmistificar a medicina popular, reduzindo-a a um conjunto de práticas mais ou menos primitivas próprias de épocas passadas, sem qualquer espécie de rigor, misturando superstição e empirismo e sujeitas a erros e perigos graves para a saúde dos que delas se servem. Assim e numa palavra, a medicina (científica) nada teria a aprender com tais práticas. Ainda que no passado tivesse existido entre as duas uma ligação muito forte, hoje a medicina desembaraçou-se de todas as excrescências dum empirismo casuísta e primário e duma magia de raiz metafísica. A resposta a esta concepção optimista acerca da medicina científica surge curiosamente da parte de alguns médicos para quem a medicina oficial, ensinada nas Faculdades, apesar do seu enorme desenvolvimento e aparente progresso, tem evidenciado muitas fraquezas e tem visto proliferarem fora de si novos domínios de conhecimento, novas experiências e novas práticas com assinalável êxito conseguido na cura da doença. Perante os limites da medicina ortodoxa, a atitude que se espera não seria a de marginalizar, condenar essas outras medicinas, mas sim a de estudá-las atenta e despreconceituadamente, e in-

tegrar imaginativamente os aspectos positivos, donde deriva a sua eficácia. Ficou-se a saber que, no que toca às formas de medicina popular, se procede já à recolha, em diversos pontos do país, de dados sobre as diferentes práticas curativas e de saúde, quer sejam administradas pelos próprios, quer envolvam a intervenção de «especialista» e se estudam os princípios activos, técnicas de extração e manipulação e formas de utilização dos produtos naturais com propriedades curativas.

O debate havido, dentro e fora das sessões, permitiu levantar algumas questões muito interessantes e abrir o apetite para novos encontros sobre o tema. Saber em que medida a medicina científica pode aproveitar dos aspectos positivos encontrados no saber popular é, antes de mais, ajudar a uma reflexão, tão necessária, sobre o que é hoje aquela medicina, onde estão as causas dos seus insucessos e se terá ela a capacidade de se autocorrigir.

Um juízo sobre a medicina não pode limitar-se a avaliar os êxitos, as conquistas e os avanços no topo da ciência, onde se concentram os esforços conjugados de numerosas instituições interessadas (o estado, as universidades, a indústria médica e farmacêutica, a classe profissional, etc.) e a qualidade do produto resultante é excelente. Existe uma outra medicina que é aquela a que a generalidade das pessoas tem acesso. Chamemos-lhe medicina de massa; baseia-se num conhecimento médico pouco especializado, no diagnóstico quase normalizado, na administração incontrolada de quimioterápicos e numa relação semi-burocratizada entre médico e doente. Nem tudo serão os custos de uma expansão acelerada da cobertura médica, que o tempo se encarregaria de remediar. Para muitos autores (e, desde logo, a partir de Illich) a medicina é que está a mudar de natureza, com o desenvolvimento da sociedade industrial (tal como os outros ramos da ciência, de resto). Um dos aspectos mais relevantes dessa transformação é sem dúvida a redução da doença à expressão de um conjunto de indicadores, quantificáveis e tipificados (tensão arterial, taxa de colesterol, traçado electrocardiográfico, perfil sanguíneo, etc.). assimiláveis pelo aparelho tecnológico disponível e concomitantemente a redução do doente à sua componente somática. Arrastada pelo desenvolvimento técnico e assombrada com o progresso da ciência, a prática médica vai, progressivamente e sem se dar conta, distanciar-se do modelo tradicional de relação solidária com o doente, do conhecimento do meio e do espaço de vida dos que serve. A medicina popular, — e foi um dos aspectos mais ricos do debate — pode precisamente fornecer elementos valiosos para a reflexão sobre o futuro da medicina, particularmente neste campo da com-

preensão ampla da doença e do doente. Antes de mais, porque ela nos ensina que não há uma definição rígida e universal do estado de doença e que os padrões para o seu reconhecimento são formados por uma multiplicidade de aspectos, muitos deles exigindo um bom conhecimento do universo cultural e sociológico da pessoa. Depois, porque a relação que intercede entre o doente e o curandeiro ou prático em curar assenta na confiança e numa competência localmente reconhecida, não se limitando à mera relação contratual de prestação de serviços em que a medicina oficial se vem tornando. Nisto reside, em grande parte, o segredo da persistência — e, até, o revigoração recente — das práticas médicas heterodoxas, quer em meios rurais quer em meios urbanos.

De um outro ponto de vista, seria interessante analisar a coexistência no mesmo espaço de formas de medicina tão diferentes, apreciando toda a variedade de nexos que as ligam e o processo de transformação recíproca. Isto porque não será apenas o saber médico-popular que se vai actualizando, cientificando; também, e importa saber como, é a medicina científica que, para se legitimar ou se impor em certos meios, se vai popularizando (existem experiências curiosíssimas relatadas por médicos a trabalharem nas aldeias). Nesta relação desequilibrada e complexa o sociólogo e o antropólogo encontrarão ainda aqui as marcas da heterogeneidade dum formação social em transição.

*Maria José Ferros  
Pedro Hespanha*